



**Universidade de Brasília
Faculdade de Educação**

**PERCEPÇÕES SOBRE O “OUTRO” NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: O
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR**

DÉBORA IANCA DA SILVA

BRASÍLIA/2020



**Universidade de Brasília
Faculdade de Educação**

DÉBORA IANCA DA SILVA

**PERCEPÇÕES SOBRE O “OUTRO” NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: O
RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora da Faculdade de Educação como exigência para a obtenção do título de Pedagoga.

Orientadora: Profa. Dra. Sinara Pollom Zardo

BRASÍLIA/2020

TERMO DE APROVAÇÃO

DÉBORA IANCA DA SILVA

PERCEPÇÕES SOBRE O “OUTRO” NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: O RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO CURRICULAR

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como requisito para a obtenção do grau de Pedagoga. Apresentação ocorrida em ___/___/___.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

Profa. Dra. Sinara Pollom Zardo (Orientadora FE/UnB)

Profa. Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues (Examinadora FE/UnB)

Profa. Ms. Flávia Ramos Cândido (Examinadora SEEDF)

Profa. Dra. Catia Piccolo Viero Devechi (Examinadora FE/UnB)

BRASÍLIA/2020

Dedico este trabalho a minha família, amigos e professores, pois nunca me abandonaram durante minha caminhada e sempre acreditaram em minha capacidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar sabedoria para lidar com os momentos difíceis e por me amparar em minhas aflições.

Aos meus familiares por sempre acreditarem no meu potencial e na minha capacidade, em especial minha mãe Francisca do Carmo e minha irmã Andressa Tatielen, obrigada por sempre me incentivar, motivar, apoiar e ajudar.

Aos meus amigos por sempre acreditarem na minha competência e por me apoiarem em minhas decisões diante da minha vida acadêmica, em especial a minha amiga Amanda Tayne, Natália Silva, Luciana Fidanza, Larissa Nunes e ao meu namorado Roberto Viana, obrigada por tanto apoio, paciência e confiança.

Aos professores da graduação por me ensinarem tanto, em especial a professora orientadora Sinara Pollom Zardo, obrigada pela disposição e contribuição.

À Universidade de Brasília e à Faculdade de Educação por me acolherem tão bem e por me proporcionarem crescimento acadêmico, profissional e pessoal.

Às professoras Greyce Kelly e Ana Carolina que tive o enorme prazer de conhecer e de adquirir experiências incríveis para o meu aprendizado na Educação, obrigada por me ensinarem tanto e por me mostrarem o quão importante é essa área do conhecimento.

Por fim, meus sinceros agradecimentos à Liana Dantas, Diogo Dantas e Bernardo Dantas, obrigada por acreditarem no meu potencial como futura educadora e por depositarem tamanha confiança sobre o meu trabalho.

“Acredito plenamente em um modelo de educação mais afetuoso, onde existe empatia com os limites de cada um. Acredito no ensino com amor, com cuidado e com responsabilidade. Para os corpos que tiverem sua singularidade, sensibilidades e liberdades tolhidas, o afeto vai ser sempre um ato revolucionário.”

Bruna Lopes Lima (2019, p.132) – A educação na vida e a vida na educação

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender as percepções sobre o “outro” na prática pedagógica, tendo como referência as experiências vivenciadas no estágio curricular do curso de Pedagogia. Os objetivos específicos que orientaram a investigação foram: i) apreender como se constituiu a trajetória profissional da docente participante da pesquisa; ii) observar a prática pedagógica da professora; iii) identificar as percepções da professora sobre seus alunos e como considera suas diferenças na prática pedagógica. O processo investigativo orientou-se pela abordagem qualitativa, utilizando como instrumentos de geração de dados entrevista com a professora regente da turma em que foi realizado o estágio curricular, observações participantes e análise de documentos (diário de campo e projeto político pedagógico da escola). O resultado da pesquisa evidenciou a relevância da educação na trajetória de vida da docente e que eventos marcantes em sua biografia a levaram a atuar profissionalmente de forma sensível às diferenças, com um olhar mais humanizado e preocupado com o outro, alinhando-se, portanto, com a perspectiva pedagógica crítica.

Palavras-Chave: Prática pedagógica; Alteridade; Estágio Curricular.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CEAM – Centro de Ensino Médio da Asa Norte

DI – Deficiência Intelectual

EF – Ensino Fundamental

EM – Ensino Médio

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

PPC – Projeto Político do Curso

PPP – Projeto Político Pedagógico

IESA – Instituto de Educação e Ensino Superior de Samambaia

TDH – Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

PARTE I – MEMORIAL

Os sonhos que sucedem 11

PARTE II – MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO 19

CAPÍTULO 1 – Percepções sobre o “outro” na prática pedagógica 22

CAPÍTULO 2 – O estágio curricular: um relato de experiência 27

CAPÍTULO 3 – Análise de dados..... 31

CONSIDERAÇÕES FINAIS 35

REFERÊNCIAS 37

APÊNDICES

Apêndice A – Carta de Apresentação 39

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 40

Apêndice C – Roteiro de entrevista semiestruturada 41

PARTE I

MEMORIAL: OS SONHOS QUE SUCEDEM

Nasci em 1997 para fazer a diferença na vida das pessoas. É com essa missão que vivo até hoje para transformar a vida das pessoas por meio da educação. Desse modo, trago alguns marcos da minha trajetória que me instigam a dar o meu melhor como ser humano e profissional no dia a dia, orientada pela perspectiva de uma educação mais humana, que reconheça o “outro” na prática pedagógica.

Lembro-me que na educação infantil estudei na Escola Classe 03 de Planaltina/DF. Eu gostava muito de ir à escola e sempre me senti bem com os professores e colegas de classe. Uma professora que me marcou bastante no pré foi a professora Simone, que desde o primeiro momento em que cheguei na sala de aula me acolheu. Além disso, conheci uma menina chamada Mariana que, por sua vez, se tornou minha melhor amiga da escola. Tive a minha primeira formatura junto com ela e estávamos prontas para ir para a 1ª série. Porém, após o término do ano, ela mudou de escola e nunca mais tivemos contato. O que realmente restou foram as lembranças e fotos dos momentos que vivemos juntas.

Na 1ª série do Ensino Fundamental I ocorreu a minha reprovação. A professora se chamava Helena, sua fisionomia era de uma pessoa chata, não me recordo de tê-la visto sorrir uma vez. Além disso, lembro-me bem que todas as vezes que ela me chamava em sua mesa para eu tentar ler, me dava frio na barriga de medo, era um desafio e tanto conseguir ler ao lado dela. Fiz boas amizades, mas ao chegar no final do ano, receber a notícia que eu havia reprovado foi inusitado. Apesar disso, eu não me importei muito, pois não sabia o impacto que causaria. No ano seguinte, ver todos os colegas na 2ª série foi difícil pois eu tinha sido a única que não estava junto com eles. Foi nesse momento que eu percebi o impacto da reprovação e o sentimento de abandono, porém consegui superar porque ao meu lado tinha uma docente que estava fazendo a diferença na minha vida. Com a progressão na escola, graças a Deus, fui conhecendo profissionais que fizeram a diferença e que acreditaram no meu potencial.

Durante a minha trajetória escolar fiz muitas amizades, mas ao parar para pensar, percebi que elas não permaneceram. Em compensação, perdurou o exemplo de todos os professores e profissionais que influenciaram na decisão do

que eu queria e não queria ser ou fazer. No ensino fundamental tive uma boa comunicação com meus professores, posso dizer que éramos amigos pois sempre fui muito comunicativa e amava ter contato com os meus docentes. Recordo-me que minha professora de Matemática me dava conselhos, dizia que eu “iria longe” e que eu era muito esforçada e dedicada. No entanto, ela ressaltava que eu tinha que tomar cuidado com as amizades que eu fazia, pois nem sempre os amigos que consideramos são pessoas que acreditam no nosso potencial e que nos dão o apoio necessário.

Ainda no ensino fundamental tive muitos diálogos com os professores e tudo que eles me aconselhavam foi de acréscimo na minha vida pessoal e acadêmica. Tive uma professora de Artes maravilhosa, que se chamava Débora. Ela gostava de trabalhar teatro nas aulas e isso me auxiliou a ficar menos tímida. Além dela, conheci a professora Larissa que era docente de Língua Portuguesa e estimulou em mim uma apreciação pela disciplina, pois ela era didática e sensível às nossas ideias e opiniões.

Por fim, ao chegar no ensino médio e no CEAM conheci vários professores abertos para o diálogo e tive a oportunidade de ter o apoio dos docentes nos momentos difíceis. Com certeza isso fez toda a diferença na minha vida acadêmica e pessoal. Além dos professores, construí grandes amizades que permanecem até hoje comigo.

No 1º ano do ensino médio tive a chance de participar da Feira Matemática. Essa experiência foi algo novo e enriquecedor, aprendi um pouco mais sobre a disciplina que eu tanto temia. Nesse mesmo ano, conheci a professora de Língua Portuguesa que era simplesmente maravilhosa, seu nome era Meire e posso dizer com todas as letras que ela se tornou um exemplo para mim.

Ao chegar no 2º ano do ensino médio tive uma outra professora de Língua Portuguesa que se chamava Giselia, uma professora amiga, inclusive, conselheira da minha turma e com ela pude conhecer um pouco mais sobre a literatura. Nesse ano de 2014 ela ofereceu a Feira Literária e minha turma ficou responsável por falar sobre a obra *Os Miseráveis*, de autoria de Victor Hugo. Desse modo, dividimos a feira em duas etapas: a primeira era referente à vida do autor e na segunda parte fizemos um teatro representando o livro. Esse foi o evento que mais me comoveu

pois vi todos os alunos trabalhando juntos, em equipe e com diálogo, além de presenciar todo o apoio dos docentes. Nesse processo de participação ativa constatei o quanto é importante a relação entre aluno e professor.

Por fim, ao chegar no meu 3º e último ano do ensino médio, me vi entrando em uma nova fase da minha vida. Pude concluir o ano participando da última feira, que por sua vez, era uma Feira de Física, foi um desafio e tanto. Ter que aprofundar os estudos sobre alguns temas da física era desafiador, pois quanto mais eu estudava, mais dúvidas surgiam, mas como era a turma toda envolvida, um ajudou o outro. Mais uma vez estávamos rodeados de docentes preparados a nos escutar, a ser amigo e a aconselhar, cada opinião dada era respeitada e enfim, a grande feira aconteceu com sucesso.

Ao chegar na formatura, passaram-se milhões de lembranças, dado que, sem o apoio pedagógico e dos docentes, talvez eu não teria alcançado tanto aprendizado. Percebo que cada um deles fizeram uma enorme diferença em meu crescimento. Posso dizer que meu ensino médio foi aonde cresci, aprendi e amadureci um pouco, além disso, a amizade, o apoio e a parceria dos meus professores foram de suma importância, dado que sempre acreditaram em mim, em meu potencial e na minha capacidade, sempre me mostrando que tudo era possível.

Desde então, ao pensar na minha trajetória escolar, eu percebo que o escutar, o aconselhar e o amar faz toda a diferença na nossa vida. Acredito que o modo como o professor conduz a aula e o modo como ele trata a turma e os alunos faz com que eles se sintam capazes e tenham o interesse em participar e por buscar mais conhecimento, ou seja, queiram aprender com prazer. Segundo Arendt (2011. p. 247):

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum.

Após o término do ensino médio, aguardei o resultado do Enem e estava bem confiante. Mas quando o resultado saiu, vi que minha nota não tinha sido nada boa e não dava pra passar em nenhum curso. Inicialmente, minha opção era Fisioterapia e, até então, não tinha pensado na possibilidade de fazer Pedagogia. Fiquei muito frustrada pois eu não trabalhava e nem estudava, assim, as cobranças familiares e da sociedade foram crescendo. Fiquei triste, me senti péssima e incapaz, mas pra Deus nada é impossível, então o percurso para estudar para o vestibular da UnB iniciou-se.

Recebi conselhos da minha irmã Andressa. Ela chamou a minha atenção dizendo que eu tinha que fazer o vestibular da UnB porque eu era capaz, uma garota inteligente e que ela tinha certeza que eu iria passar. No início fiquei um pouco chateada pela forma que ela tinha falado, mas no fim entendi que era para meu bem. Então comecei a estudar por conta própria pois eu não tinha condições de pagar cursinho.

Enfim, o grande dia do vestibular chegou e fui realizar as provas. O primeiro dia foi mais tranquilo, visto que as avaliações eram da área de humanas e redação, que são áreas que eu gosto bastante. Na redação me senti confiante para escrever, pois era um tema que tinha relação com a realidade que estávamos e estamos vivenciando - a discriminação de classe, raça, violência. No segundo dia eu estava bem apreensiva em razão de serem as avaliações da área de exatas. Lembro-me que exatamente nesse dia minha irmã me ligou e eu a atendi por volta das 15h00min e ela me perguntou: "lanca, você já saiu da prova? Não faz nem 3h que a prova começou." Eu sorri e disse: "Dede, eu não sabia de praticamente nada, não tinha condições de ficar em uma sala tentando realizar uma prova que eu não sei as respostas e nem como tentar fazer cálculo." Ela me entendeu e disse que estava tudo bem e que agora era só aguardar.

Em suma, o dia do resultado chegou e eu estava bem chateada. Minha mãe tinha brigado comigo dizendo que eu não queria nada com a vida, que eu não procurava um emprego e que não me via estudando e entre várias cobranças. Quando deu por volta das 17h00min recebi uma ligação da minha amiga Victória. Ao atende-la, ela estava eufórica me dando os parabéns e eu simplesmente não estava entendendo nada, até que ela falou que eu tinha passado no vestibular e que estava

muito feliz por mim. Eu agradei, comecei a chorar e fiquei aliviada também porque meu dia tinha sido tão puxado pelas coisas que eu tinha escutado e receber uma notícia daquela era apenas uma comprovação de que nada é impossível, que a sociedade e a nossa própria família podem nos cobrar, podem nos machucar, mas quando as coisas tem que acontecer, elas acontecem no seu tempo e no momento certo.

Ao chegar agosto de 2016 a nova fase começava, enfim, eu iria iniciar a minha trajetória universitária. No primeiro semestre cursei uma disciplina chamada Oficina Vivencial, uma experiência enriquecedora que contribuiu para eu ter mais empatia, que explorou a corporeidade e a partilha de vivências. Além disso, tive o primeiro contato com a Faculdade de Educação, conheci um pouco sobre os docentes e conheci também novas pessoas e novas histórias, com trocas de experiências incríveis. Cursei também uma disciplina chamada Perspectiva do Desenvolvimento Humano com a professora Sandra. Foi uma disciplina maravilhosa, onde conheci vários autores que são referência nas teorias sobre desenvolvimento e aprendizagem.

No 2º semestre cursei a disciplina O Educando com Necessidades Educacionais Especiais com a Profa. Fátima Vidal, uma matéria de extrema importância para minha formação e foi aí que tive a certeza de que eu estava no lugar certo. A área da educação especial sempre me chamou a atenção, mas ao cursar a disciplina tive certeza do meu interesse em aprofundar conhecimentos nesta área. Ao realizar a saída de campo, tive o enorme prazer de conhecer a Escola de Ensino Especial de Planaltina. Foi incrível! Ao chegar no 3º semestre, cursei a disciplina Aprendizagem e Desenvolvimento do PNEE. Pela segunda vez eu estava tendo a oportunidade de estudar sobre a educação especial e aprender mais me fez enxergar o mundo de uma forma diferente, me fez ser mais empática e determinada no que eu quero e almejo, que por sua vez, é fazer a diferença na vida das pessoas.

No decorrer do curso, tive experiências positivas e negativas que me fizeram crescer. Conheci pessoas incríveis que me apoiaram em momentos difíceis na universidade. Não posso esquecer de citar aqui que tive a enorme oportunidade de participar das disciplinas de Projetos com a professora Sinara que oportunizou

acesso à textos e debates que contribuíram para a minha formação sobre educação inclusiva.

Durante o Projeto eu tinha plena consciência de que o meu interesse de pesquisa estava relacionado à criança com síndrome de Down, mas ao decorrer do estágio obrigatório, da leitura de textos e trocas de experiências, pude perceber que o meu interesse de estudo não estava focalizado em uma deficiência específica, mas que eu queria estudar a perspectiva do “outro” na prática pedagógica, ou seja, como as diferenças de todos os estudantes são reconhecidas e consideradas na prática pedagógica. Escolhi este tema porque acredito que precisamos de educadores empáticos, preocupados com o outro, abertos para escutar, ensinar, amar e compreender. Acredito que uma educação mais humanizada faz a enorme diferença na vida dos nossos alunos e das nossas crianças, e com isso temos a oportunidade de mudar a educação através da nossa visão humana.

Durante a graduação comecei a trabalhar em uma escola como estagiária. Foi o meu primeiro contato como educadora. Era uma escola privada e me colocaram pra trabalhar com uma criança com síndrome de Down. Os primeiros dois meses no estágio foram os mais difíceis e desafiadores, percebi que naquele momento era a chance de realmente ver se esse era o meu lugar, se a educação tinha sido a escolha certa. Foi muito difícil o contato com essa criança, eu tentava de todas as formas me aproximar, demonstrar meu carinho e afeto, mas ele não cedia. Fiquei frustrada, pensei que tinha feito a escolha errada e só queria desaparecer da escola e desistir. Mas os pais da criança pediram pra eu não desistir, que eu iria ver o quão apaixonante é a área da educação especial e inclusiva, que eu jamais iria me arrepender de estar ali naquele lugar. Após os dois meses de adaptação da criança e minha própria adaptação, criamos um vínculo, um amor que jamais pensei em sentir, era como se meu coração pulsasse por ele, pois a todo instante eu só pensava nele. Percebi que a Pedagogia foi a escolha mais certa da minha vida, pude ter a prova viva disso no meu estágio remunerado.

Hoje eu percebo que a fala dos pais dessa criança fez o enorme sentido naquele primeiro dia. Eu jamais iria me arrepender de ter vivenciado tudo o que vivenciei, tudo foi um aprendizado e eles me deram força para não desistir. E a criança? Ah, só amores, só aprendizado, experiências, vivências, histórias,

conhecimento e empatia! Hoje eu posso dizer que morro de amores pela área. Posso estar péssima ao amanhecer, mas ao chegar no meu trabalho o humor muda, vem flores, vem luz e vem sol, vem a paz de espírito que eu nunca pensei em sentir em uma só profissão!

Eu sou extremamente grata pela minha formação, pelas trocas de experiências, pelos momentos difíceis e de aflições, acredito que elas existem para nos fortalecer e para nos mostrar o quanto somos capazes de alcançar nossos sonhos e objetivos. Hoje eu posso dizer que escolhi o magistério e a educação para transformar vidas e para que essas vidas um dia possam transformar o mundo!

PARTE II
MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como ponto de partida a experiência do estágio curricular e como tema a percepção do professor sobre o “outro” na prática pedagógica. O motivo que me levou a pesquisar esta temática foi a minha admiração da ação docente de uma professora da rede pública do Distrito Federal e sua atuação humanizada junto aos estudantes de uma turma do 2º ano do ensino fundamental. A referida experiência foi vivenciada no contexto do Projeto 4.1.

Para Habowski *et all* (2018) a sociedade atual vive em um momento de crise nas relações que se caracteriza pela não aceitação das diferenças e pela homogeneização do ensino. Uma educação crítica e emancipatória considera a diferença como um valor pedagógico. Para os autores necessitamos de um ensino “que preze, valorize e estimule a pluralidade humana e não a uniformização do ser, a desvalorização do outro.” (HABOWSKI *et all*, 2018, p.189).

Partindo desta perspectiva, o seguinte objetivo geral orientou o desenvolvimento da pesquisa: compreender as percepções sobre o “outro” na prática pedagógica, tendo como referência as experiências vivenciadas no estágio curricular do curso de Pedagogia. Como objetivos específicos foram definidos: i) apreender como se constituiu a trajetória profissional da docente participante da pesquisa; ii) observar a prática pedagógica da professora; iii) identificar as percepções da professora sobre seus alunos e como considera suas diferenças na prática pedagógica.

O processo investigativo orientou-se pela abordagem qualitativa. Para Flick (2004, p.22): “Os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador com o campo e seus membros como parte explícita da produção de conhecimento, ao invés de excluí-la ao máximo como uma variável intermediária”. A pesquisa utilizou como instrumentos de geração de dados entrevista com a professora regente da turma em que foi realizado o estágio curricular, observações participantes e análise de documentos (diário de campo e projeto político pedagógico da escola).

Segundo Gatti e André (2013) tais instrumentos de geração de dados, usualmente utilizados nas pesquisas qualitativas, permitem ao pesquisador responder ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do

humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais. Para as autoras:

[...] O uso dos métodos qualitativos trouxe grande e variada contribuição ao avanço do conhecimento em educação, permitindo melhor compreender processos escolares, de aprendizagem, de relações, processos institucionais e culturais, de socialização e sociabilidade, o cotidiano escolar em suas múltiplas implicações, as formas de mudança e resiliência presentes nas ações educativas (idem, p. 34)

O estágio curricular foi desenvolvido de 06 de setembro a 09 de novembro de 2019, totalizando 90h de atuação pedagógica em contexto escolar inclusivo. O diário de campo se constituiu a partir do registro das observações participantes realizadas em sala de aula, contemplando elementos relativos ao planejamento pedagógico, à mediação da professora, mas, sobretudo, aos aspectos relacionais estabelecidos entre a docente e as crianças.

No decorrer das observações realizadas, pude conhecer mais de perto o trabalho desenvolvido pela docente da turma. Sua atuação me chamou muita atenção pois o cuidado, o diálogo e o olhar sobre as crianças eram constantes. Percebi, também, o domínio que ela tinha sobre a história de cada criança/aluno. Sua ação sempre foi mediada pelo diálogo e cuidado de forma a ajudar cada um de acordo com suas necessidades.

Por meio da entrevista, pude ter uma aproximação maior com a professora e apreender suas percepções e opiniões sobre a atuação pedagógica. Para Freitas *et al* (2006, p.250) a entrevista:

[...] possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social; a entrevista é uma técnica muito eficiente para obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano; os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação. Além dessas vantagens, esta técnica pode ser aplicada com pessoas que não sabem ler e escrever; permite maior privacidade, no caso da entrevista individual; permite um contato mais próximo do sujeito da pesquisa e isto possibilita-lhe identificar dúvidas por ele demonstradas.

A justificativa para a escolha da escola para realizar o estágio obrigatório - Projeto 4.1 e para o desenvolvimento desta pesquisa foi o fato da escola contemplar em seu projeto pedagógico a perspectiva da educação inclusiva, bem como de receber um número expressivo de crianças da educação especial (deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação). Pesquisei

outras instituições, mas a que me chamou mais a atenção foi a escola na qual realizei o estágio e a pesquisa.

A presente monografia está organizada a partir de três capítulos: o primeiro capítulo apresenta um aprofundamento teórico sobre o “outro” na prática pedagógica, tendo como destaque a alteridade e a perspectiva da educação inclusiva; o segundo capítulo discorre sobre a importância do estágio curricular no processo formativo, descrevendo a experiência por mim vivenciada; e o terceiro capítulo apresenta a análise dos dados obtidos por meio de entrevista, observações participantes e análise documental.

CAPÍTULO 1

PERCEPÇÕES SOBRE O “OUTRO” NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

“Ser empático é ver o mundo com os olhos do outro e não ver o nosso mundo refletido nos olhos dele.”

Carl Rogers

Sabemos que a educação é um direito de todos e que sua organização na instituição escolar, de forma sistematizada, deve se orientar pelo princípio da humanização e do reconhecimento das diferenças. Essa perspectiva pressupõe conhecer e reconhecer as singularidades, os sentimentos, as sensibilidades, os medos, os conflitos sociais de forma a ter um olhar mais atento aos estudantes, buscando compreender sua realidade social, suas experiências e vivências.

Para Nozu, Icasatti e Bruno (2018, p. 23) “a educação é tomada como um caminho sócio histórico de humanização, que considera a natureza social do ser humano, ou seja, que tudo o que ele tem de humano resulta da sua vida em sociedade mediada pelas construções culturais”.

Dessa forma, ao atuarmos em uma sala de aula ou em qualquer instituição de ensino, precisamos reconhecer as vivências e experiências socioculturais das crianças e seus contextos de origem, muitas vezes permeados por processos de violações de direitos humanos. Tais experiências, muitas vezes opressivas, podem influenciar no desenvolvimento psicoemocional das crianças.

O Estado, a família e o sistema educativo acabam por condenar educandos que experimentam situações de risco, como a violência, o trabalho infantil, preconceitos, fome e miséria, uma vez que esses indivíduos precisam levar suas vidas no limite da sobrevivência, o que leva à uma precarização de seus corpos e, conseqüentemente, interfere em seus processos de desenvolvimento e aprendizagem. Segundo Arroyo (2012, p. 23):

Corpos de crianças-adolescências condenadas precocemente a vidas precarizadas pelo trabalho infantil, pela violência social e sexual, pelos preconceitos, pela homofobia e pela pederastia, pela dor e pelo sofrimento, pela fome e pela desproteção.

Lidar com corpos “precarizados”, nos termos de Arroyo (2012), é um desafio pedagógico. São corpos que vêm de uma situação de grande vulnerabilidade social e que, dentro do ambiente, requerem abordagens sensíveis às suas peculiaridades. Tais crianças questionam a monotonia pedagógica e a disciplina hierárquica e homogênea, já que a relação de transferência de conhecimento não se aplica a sua realidade vivencial.

Nessa perspectiva, é importante o pedagogo reconhecer o “outro” na prática pedagógica, compreender seus valores e potencialidades, suas histórias de vida, seus desejos de aprendizagem. Esses princípios são fundamentais para a organização de uma prática pedagógica inclusiva.

Entender que estamos lidando com “corpos precarizados” é reconhecer que algumas de suas atitudes são reflexos de violências que vivenciam em seu cotidiano, isto é, crianças e adolescentes agressivos podem reproduzir essas ações por serem agredidos verbalmente, fisicamente ou psicologicamente. A forma como as crianças se veem nessa vivência geram consequências e questionamentos. De acordo com Arroyo (2012, p. 27):

Sofrer um dano pode significar ser obrigado a reagir e refletir sobre a vulnerabilidade e o dano sofrido. Essas infâncias se perguntam, sem dúvida, por que eu, minha família, minha raça, minha classe social tão agredidas? Perguntas que as crianças-adolescentes levam às escolas esperando seu entendimento. Esperando aprender dos mestres seus significados e em que mundo e projeto de sociedade essas vulnerabilidades e violências sofridas poderão minimizar-se.

Nessa perspectiva, o docente deve ressignificar o estabelecimento das relações sociais e humanas. Ao pensar que a criança e o adolescente podem trazer reflexos de suas vivências muitas vezes permeadas por processos violatórios, porque não sermos um exemplo positivo para eles? Os docentes também se tornam inspirações para seus alunos, sendo assim, que tipo de inspiração podemos ser?

Sendo assim, as crianças também se tornam nossas inspirações, visto que no espaço da sala de aula acontecem trocas de experiências e vivências entre aluno-professor a todo instante. Educadores inspirados em seus alunos orientam suas práticas pelo cuidado, pela atenção, por ouvir, aconselhar, conversar e ensinar; desse modo, o reconhecimento do outro na prática pedagógica pode mudar vidas.

Reforçar o direito da igualdade e da diferença são fundamentos de uma educação para a cidadania, que questiona os motivos pelos quais os corpos tornam-se precarizados. Conforme Candau e Sacavino (2013, p. 62):

Uma educação que promova o empoderamento individual e coletivo, especialmente dos grupos sociais desfavorecidos ou discriminados [...] supõe potencializar grupos ou pessoas que historicamente têm tido menos poder na sociedade e se encontram dominados, submetidos, excluídos ou silenciados na vida cotidiana e nos processos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Nessa perspectiva, a educação em direitos humanos potencializa a formação de sujeitos de direitos e se relaciona com o reconhecimento das dimensões pessoais e sociais que devem ser promovidas, afirmadas e desenvolvidas. Segundo Sacavino (2000, p. 62):

A dimensão pessoal se relaciona com a potencialização do próprio ser e integra aspectos cognitivos, criatividade, autoconceito, autoestima e confiança nas próprias possibilidades. A dimensão social está articulada com os mecanismos de participação e organização, assim como com a relação entre igualdade e diferença.

Ao citar a dimensão pessoal em relação a autoestima, criatividade, autoconceito e, principalmente, confiança, observa-se que é de extrema importância trabalhar esses aspectos dentro da sala de aula, levando em conta a singularidade de cada estudante. Se o aluno não confia e acredita em seu potencial, a desmotivação pode ser decorrente durante seu processo de aprendizado. Dessa forma, o professor assume papel fundamental no incentivo para que se alcance a potencialização e a motivação dos educandos.

Candau (2005) ressalta a relevância de praticar a sensibilização e a consciência da dignidade de toda pessoa humana, sendo assim, a percepção do outro na prática pedagógica está diretamente relacionada com o reconhecimento da dignidade humana. A partir de um espaço educativo que vai ao encontro de uma didática mais socializada, na qual as subjetividades são respeitadas e valorizadas.

O educador deve compreender o contexto em que os educandos estão inseridos e organizar suas práticas pedagógicas para que as crianças e os adolescentes se sintam representados e acolhidos no ambiente escolar. De acordo com Arroyo (2012, p. 43): “Na medida em que avancemos no conhecimento dessas

complexas vivências dos educandos e fomos inventando novas relações e interações estaremos construindo novos valores coletivos e nova ética profissional”.

A nova ética profissional está relacionada a uma pedagogia mais humanizada, uma prática pedagógica que se preocupa com as experiências, culturas, vivências e conhecimentos prévios dos estudantes. Um processo pedagógico que desconsidere esses valores, acaba por reproduzir preconceitos e fomentar a segregação entre os indivíduos, que já é um abismo enorme quando se trata da diferença de ensino entre instituições públicas e privadas, assim, condenando essas “vidas-corpos precarizados que com atraso vão chegando às escolas” (ARROYO, 2012, p. 43).

É notória a necessidade de se transformar a prática pedagógica; “educar de forma humanizadora o sujeito significa trabalhar competências e habilidades de forma mais ampla e concreta” (FREITAS, 2018, p.1). A relevância de se utilizar a prática defendida até aqui no ambiente escolar está ligada à resiliência, à coragem, ao afeto e à proatividade. Esses preceitos repercutem em uma transformação profunda do que é desenvolvido até o presente momento em grande parte do processo pedagógico. Além disso, “educar, se resume em um ato de coragem, em meio a tantas adversidades e situações desafiadoras, que acontecem dentro do ambiente escolar” (idem, p.1).

A educação como um todo precisa criar momentos propícios para criar hábitos saudáveis, como por exemplo, olhar para o outro com um sentimento fraterno, de amizade, de solidariedade. Sentimentos esses que são relevantes.

Nesse contexto, podemos destacar o papel dos docentes em promover o ensino e a aprendizagem através de práticas educativas menos robóticas, ou ainda, bancárias na perspectiva de Freire (2008). O profissional pedagogo deve se responsabilizar pelo seu aluno, dado que, se o educando sente-se acolhido pelo docente e pela instituição, ele estará “inserido em um espaço em que se estabeleça limites e responsabilidades, haverá uma grande possibilidade de se sentir seguro e desenvolver um comportamento recíproco de respeito” (SPAGOLLA, 2005, p.9). O papel do educador é promover uma aprendizagem mais significativa para o aluno, isto é, ser agente motivador e aproximar o conteúdo para a prática da realidade social. De acordo com Spagolla (2005, p. 9):

O educador preocupa-se em promover relações cooperativas entre os educandos, tendo assim a consciência de seu papel de facilitador da aprendizagem, rompendo com posturas tradicionalistas, adequando-se ao momento histórico e priorizando relações que estimulem a aprendizagem como uma ação prazerosa, e que possa o aluno exercer, já no espaço escolar, sua participação cidadã.

A partir dessas reflexões, compreende-se que contribuir afetivamente com as crianças e os adolescentes significa se importar com suas diferenças, seus valores, cultura e com a perspectiva pedagógica crítica. Spagolla (2005) expressa que o indivíduo não deve ser visto futuramente apenas como um profissional eficiente no mercado de trabalho, mas que ele perceba a porta de oportunidades que a escola e a vida podem oferecer em todos os sentidos. Muitos alunos provêm de ambientes conflituosos que geram uma estrutura emocional fragilizada, tornando presente a ausência de afeto, negativismo, insegurança e indiferença. Nesta realidade, trata-se de estabelecer e criar envolvimento em uma rede de relações onde o conhecimento possa circular e ser distribuído de fato. Isso quer dizer, a construção de um espaço pedagógico mais complexo, humanizado e reconhecedor das crianças como sujeitos de direito.

CAPÍTULO 2

O ESTÁGIO CURRICULAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

O presente capítulo tem como objetivo descrever a experiência do estágio curricular realizado no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da UnB. O estágio teve duração de 90 horas e foi realizado no período de 06 de setembro a 08 de novembro de 2019.

Segundo o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da UnB (2018) o estágio objetiva a inserção do discente no mercado de trabalho, desenvolvendo-o academicamente, promovendo experiências e ocasionando a compreensão da docência como base e prática educativa.

“O estágio supervisionado vai muito além de um simples cumprimento de exigências acadêmicas. Ele é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional” (BERNARDY e PAZ, 2012, p.1). O estágio traz enormes benefícios para a formação pedagógica do professor, dado que é uma oportunidade de articulação entre a teoria e a prática. No contexto da escola, ocorre a ação pedagógica orientada por uma teoria que, por sua vez, permite refletir e reorientar a ação.

Iniciei o estágio conhecendo a docente e a turma do 2º ano do Ensino Fundamental I. Antes de iniciar as observações, houve um diálogo com a diretora da instituição e com a professora regente. Em seguida, conheci os alunos e estabeleci um contato maior com cada criança. No decorrer da participação e observação nas aulas, foi possível perceber a rotina escolar da turma: horário da entrada, ida ao banheiro, roda, atividades, lanche, recreio, meditação, atividades e saída.

Todos os dias, ao chegar na escola, os educandos entravam na sala, colocavam as mochilas em seus devidos lugares e logo após sentavam-se na roda para poderem compartilhar suas vivências do dia anterior. A professora sempre perguntava se as crianças haviam chegado bem em casa, se dormiram bem e se fizeram algo de diferente. Este era um momento de interação entre professor-aluno. Observa-se que para Bimbato (2019, p. 71):

Empoderar as pessoas que se encontram nos espaços escolares, de forma a conscientizá-los de que são seres humanos em processo de desenvolvimento, sendo este contínuo e dinâmico e que se dá ao longo da vida e que a única via capaz de torna-los pessoas que se reconhecem

humanas – porque sonham e sentem, humanas porque capazes de sentirem empatia, de serem afetados e de afetarem.

Nesse âmbito, a roda é um espaço de afeto, de reconhecimento e olhar humanizado sobre cada um. Este era um momento importante de aproximação com a turma. A professora regente explicou que através dessa dinâmica ela conseguia entender e compreender o contexto social de cada aluno, saber se está tudo bem, se aconteceu algo e promover uma participação ativa de todos.

A turma ia ao parque uma vez por semana, às sextas-feiras. Mesmo que não cumprissem os combinados feitos com a turma a respeito do comportamento em sala e a realização das atividades propostas, a regente os levava. Nesse momento os educandos tinham a oportunidade de interagir, de se expressar e se divertir. Além disso, haviam os momentos em que frequentavam a biblioteca para a troca de livros e a prática de origamis que era ministrada pela responsável da biblioteca.

Às terças-feiras ocorria a prática denominada de reagrupamento, que consiste na aplicação do teste da psicogênese afim de avaliar o processo de alfabetização da turma. Tal avaliação permite evidenciar o nível de alfabetização das crianças, sendo eles: pré-silábico, alfabético e alfabetizado com níveis I, II e III.

A turma observada possuía uma quantidade reduzida de crianças por se tratar de uma classe inclusiva. Era composta por doze crianças e a maioria se encontrava em situação de vulnerabilidade social. As práticas utilizadas pela professora demonstravam sua sensibilidade em relação às questões sociais e econômicas presentes na turma. Seu esforço para tentar ajudá-los da melhor forma possível era notório, mostrando ser uma docente com um olhar humanizado para cada educando. De acordo com Lima (2019, p. 131):

As diferentes formas de educadores se posicionarem frente à educandos, refletirão no desenvolvimento de sua personalidade. Os modos como os educadores tratam os seus alunos, deixam marcas. O ser humano está em constante mudança e desenvolvimento. À medida que o professor vai criando relações com seus educandos, ambos vão transformando suas vidas.

Um dos momentos em que o olhar atento e sensível da professora com seus educandos podia ser evidenciado era o horário do lanche, onde a professora preocupava-se em mandar parte do lanche da escola para as crianças que se

encontravam em situação de risco e passavam por diversas dificuldades em seu contexto familiar.

A educadora expressa uma preocupação especial com um de seus educandos, que recebeu o diagnóstico de TDAH. Porém, acredita-se que esse laudo foi feito a partir de uma visão preconceituosa, por se tratar de uma criança socialmente vulnerável que não se enquadra nos padrões de comportamento esperados pelo sistema. A professora entende que as dificuldades que o educando encontra na vida acadêmica estão relacionadas às circunstâncias de sua vida pessoal, sendo assim, não se trata de uma questão meramente biológica. Percebe-se o esforço da docente em compreender esse indivíduo para além de um diagnóstico, uma vez que ela não permite que esse laudo represente uma limitação e busca sempre ajudá-lo a superar suas dificuldades, atribuindo atividades e tarefas que visam motivá-lo na sua trajetória escolar, fazendo com que trabalhasse em grupo, ajudasse o outro e se sentisse ajudado.

Ao abordar as questões raciais em sala, surgiram falas de crianças que já estiveram no posicionamento de oprimido, que não gostavam da cor de sua pele por já ter sofrido algum preconceito. Uma das falas foi de uma criança de 7 anos que relatou:

Tia, eu não gosto da cor da minha pele sabia? Porque já me chamaram de macaca e de feia e eu não gostei. Mesmo que minha mãe fale pra mim que eu sou linda e que a minha cor é a mais linda que existe, eu não gosto. Eu queria ser mesmo era branca do cabelo liso. (Educanda, 7 anos.)

Ao compartilhar essa vivência, a docente teve um posicionamento diante da situação, dizendo que a educanda era linda, que todos os seus traços sempre foram e sempre serão lindos e explicou que as pessoas não tinham o direito de falar isso para outra pessoa, que todos nós somos diferentes e temos nossas singularidades. Durante uma conversa informal, a professora explicou que devemos estar preparados, enquanto educadores, para lidar com esse tipo de situação. Porém, quando essas falas aparecem em sala, dificilmente teremos um posicionamento ideal, o importante é manter a calma e deixar claro para a turma que esse tipo de comportamento é inaceitável, pois ninguém tem o direito de oprimir o outro.

As experiências vividas durante o período de estágio trouxeram uma visão mais sensibilizada e mais significativa perante à educação, um momento propício para se refletir sobre o processo formativo e sobre a escolha profissional. A prática oportuniza compreender que:

O ser humano é ilimitado em suas possibilidades de atuar e transformar, as pessoas são um mundo de oportunidades. É preciso ter sensibilidade para entender o ser humano enquanto ser integral, único, de experiências únicas e irrepetíveis (LIMA, 2019, p. 130).

A seguir, apresentarei os dados obtidos na pesquisa de campo que utilizou como instrumentos análise documental, observação participante e entrevista.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DE DADOS

A escola pesquisada se localiza na Asa Sul e atende 197 alunos. De acordo com o PPP da escola (2018), a sua função é oferecer educação de qualidade aos estudantes, para que se desenvolvam conforme as linguagens previstas no Currículo em Movimento da Educação Básica, visando contribuir para o exercício de sua cidadania, garantindo os direitos de aprendizagem, além de promover a formação do educando sob os parâmetros estabelecidos, nela inseridos, desenvolvendo as habilidades para a construção do conhecimento. O PPP prevê uma prática pedagógica pautada no compartilhamento de saberes, trocas de experiências, emoções, opiniões, observação e reconhecimento do outro.

À época da realização da pesquisa, a escola encontrava-se bem cuidada e pintada. Conforme o PPP (2018), a instituição busca por uma gestão facilitadora, inspiradora, dialógica, participativa, aberta, transformadora, articuladora, próxima, acolhedora, envolvente, aberta às mudanças, eficiente e competente. Procura ter uma abertura com os alunos, para que se sintam confortáveis para conversar, confiar, se expressar e que se sintam bem com todo o corpo docente.

A turma observada era composta por uma professora regente formada em Pedagogia, uma educadora social formada em enfermagem e 12 alunos do 2º ano do Ensino Fundamental I, sendo um com síndrome de Down, um com TDH e uma com paralisia cerebral.

A estrutura física da sala é considerada um tamanho adequado pela quantidade de alunos, além disso, continha dois armários para guardar os materiais didáticos dos educandos e da professora, quadro branco e quadro negro, alfabeto manual e os números de 1 a 10 colados na parede e uma pirâmide alimentar também colada em uma parte da sala. A organização das carteiras sempre é modificada no decorrer das aulas, por exemplo, no início a professora arrumava a sala no modelo tradicional, ou seja, carteiras enfileiradas, mas no decorrer do dia, ela modificava a estrutura em forma de U. A professora sempre conduzia a turma em diferentes modos de organização, tornando o ambiente mais acolhedor, agradável e com mais interação. De acordo com Almeida (2014, p.284):

As carteiras apresentam-se na forma individual e móvel, permitindo a realização de atividades diversificadas, com disposição da classe em diferentes formas, como em grupos ou círculos, adequando-se à necessidade da situação e à proposta de desenvolvimento da atividade, sob a orientação da professora, que se desloca para todas as partes da sala para atender as necessidades específicas de cada aluno.

A aplicação dos procedimentos/instrumentos de construção de dados ocorreu através das observações das aulas, diário de campo e entrevista com a professora.

Para entender as atitudes sensíveis da pedagoga, o foco principal era escutar um pouco sobre a sua trajetória de vida. A regente veio de uma região administrativa bem carente e teve um início de história difícil. Em razão de não ter conhecido sua mãe, morou em um abrigo com sua irmã durante 3 anos e após esse período, sua irmã foi adotada e ela teve que morar com sua família biológica paterna. Existiu um contexto familiar bem conturbador, visto que houve uma separação dolorosa, mas ambas seguiram por caminhos diferentes e seguiram em frente.

Ao ser questionada sobre como foi sua escolarização, ela relata que a educação foi o ponto de partida para sua mudança de vida, visto que o olhar de ter alguém que acreditou em seu potencial é que fez ela lutar e tornar-se professora. A entrevistada salienta também que a escolha da sua área de formação deu-se por meio de sua história e de sua escolarização. Uma de suas falas ela traz a seguinte reflexão:

Ser professora pra mim foi uma válvula de escape, foi uma oportunidade que eu tive. E hoje, por eu ter passado muitas coisas em minha vida, tento entender o contexto social de cada um para poder ajudar os meus alunos, porque a gente encontra na rede pública muitas crianças que tem a minha história e é por isso que acredito muito neles e em seu potencial (Dados da pesquisa – Entrevista com a docente, 2019).

A docente atua em sala de aula há 11 anos, é formada em Pedagogia pela Faculdade Evangélica de Brasília e fez sua complementação pelo IESA – Instituto de Educação e Ensino Superior de Samambaia. A docente é concursada há 5 anos e atua na escola há 1 ano. Ela conta que as suas experiências na área da educação iniciaram na escola particular, especificamente para o ensino infantil, e que somente em 2011 ingressou na rede pública na cidade do Recanto das Emas. Seu primeiro contato com a escola pública foi difícil, dado que as turmas eram cheias, crianças bem carentes, vulneráveis, com muita defasagem de idade-série e de alfabetização.

Segundo a professora eram crianças que não acreditavam em si mesmo e desprovidas de direitos essenciais para vida. A docente ainda menciona que foram muitos acontecimentos desafiadores para alguém de 25 anos e que tinha apenas o magistério.

A professora relata em um momento da entrevista que perguntava para as crianças o que elas desejavam ser e elas respondiam que queriam ser bandido, retratando aproximação ou experiências com o crime e com o tráfico que vivenciavam. Foram inúmeros obstáculos por ela enfrentados, uma vez que não estava acostumada com essa realidade na rede pública. Ela destaca também que cada experiência adquirida tem uma história, desafios, lembranças, momentos de stress e muitas gargalhadas.

Ao ser questionada sobre como percebe seus alunos na prática pedagógica, a educadora afirma que as crianças refletem o seu contexto familiar, porque quem tem uma família estruturada possui uma vida diferente e o contexto escolar dela é totalmente diferenciado. A participante da pesquisa ressalta sobre o desinteresse de muitos educandos, mas reconhece que esse comportamento está relacionado ao cenário familiar. É impossível ignorar a precarização da vida das crianças. Arroyo (2012, p. 25) indaga:

A vulnerabilidade humana se distribui de maneira muito desigual e demasiado injusta para as crianças-adolescentes populares. Estas estão mais expostas a tantas violências que marcam seus corpos, a tal ponto que passou a ser um tema obrigatório para a reflexão pedagógica e docente: a violência nas escolas. Melhor, as violências sociais, corpóreas que violentam as vidas infantis que chegam às escolas públicas.

Durante as observações foi possível verificar as práticas pedagógicas da regente frente às diferenças dos alunos em sala. Em alguns momentos ela propunha atividades adaptadas e lúdicas para o estímulo da criatividade, exploração de habilidades, limites, potencialidades, a fim de trabalhar com as dificuldades de cada um. Como forma de reconhecimento das diferenças das crianças, a docente utilizava estratégias para se aproximar delas, ou ainda, para entender seus sentimentos. A participante evidencia:

Eu tento trabalhar muito com o olhar humano e tratando de forma concreta as dificuldades de cada um, aquele atendimento próximo mesmo. Eu faço dinâmicas pra poder entender os sentimentos das crianças, eu procuro saber o contexto e a história delas, vasculho, pesquiso na secretaria, em

documentos, nas próprias crianças e falando com as famílias, assim eu sei o contexto histórico de cada um deles (Dados da pesquisa – Entrevista com a docente, 2019).

Pode-se observar o interesse da professora em conhecer a história de cada criança por diferentes vias: documentos, conversas informais com os alunos e com as famílias. O conhecimento do contexto das crianças e das suas vivências parece instrumentalizar sua atuação profissional e o estabelecimento de vínculos afetivos. Ao ser questionada sobre os principais desafios da prática pedagógica, a professora relata que as famílias estão adoecidas e por esse motivo, acabam transferindo a responsabilidade da educação da criança para a escola.

Os principais desafios na prática pedagógica com o meu olhar, vejo famílias adoecidas, famílias que transferiram o papel de educar dos filhos transferiram para a escola. Elas transferiram tudo, os requisitos mais básicos das crianças eles transmitiram para os professores e isso acaba nos adoecendo, porque a gente não tem esse papel, mas a gente acaba tendo que exercer e o sistema também. Vai uma série de coisas, falta de recursos na escola, recursos materiais e tantas coisas que limitam a gente e que ficamos limitadas de fazer. (Dados da pesquisa – Entrevista com a docente, 2019)

A docente demonstra uma sensibilidade pedagógica e um olhar humanizado na educação. Ela acredita no ensino que se preocupa com o outro, com suas singularidades, potencialidades e na capacidade de cada educando. “É necessário que tenhamos um olhar abrangente ao estar de frente com outro ser humano, não focar nas limitações, mas dar condições de possibilidades para outras formas de educação” (LIMA, 2019, p.130).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender as percepções sobre o “outro” na prática pedagógica, tendo como referência as experiências vivenciadas no estágio curricular do curso de Pedagogia. Partindo deste propósito e, após a análise de dados, chegamos aos resultados da investigação que apontam que as práticas pedagógicas realizadas pela educadora eram mediadas por atitudes sensíveis, pelo olhar humanizado, pela alteridade e pelo respeito às diferenças.

Durante a análise de dados ficou evidente que as experiências da trajetória de vida da professora regente influenciaram em sua formação como pedagoga e também na sua percepção sobre a importância de reconhecer as diferenças e da prática da alteridade em seu fazer pedagógico. Ao comparar a sua história de vida com a dos educandos, observou-se que a docente teve seu corpo “precarizado” – nos termos de Arroyo (2012). No entanto, o olhar atento e cuidadoso do professor pode transformar vidas, pois a participante da pesquisa revela que esse evento foi marcante para que ela mesmo reconhecesse seu potencial e recuperasse sua autoestima.

A alteridade no ensino é o reconhecimento de cada subjetividade, é o exercício de se colocar no lugar do outro, perceber o outro como pessoa e reconhecer e respeitar as suas diferenças. A alteridade vivenciada pela pedagoga acarretaram em suas práticas pedagógicas, pois ao ser acolhida, escutada, motivada e por ter suas possibilidades ativas ela pode ter uma oportunidade.

Na prática do estágio foi possível verificar a ação da educadora em estabelecer e criar envolvimento em uma rede de relações onde o conhecimento circula e se distribui, gerando a construção de um espaço pedagógico mais complexo, humanizado e reconhecedor das crianças como sujeitos de direito.

O estudo trouxe contribuições a respeito do valor de um ensino humanizador, uma vez que percebeu-se o desenvolvimento em relação à autoestima, criatividade, autoconceito e, principalmente, confiança. Se o aluno não confia e acredita em seu potencial, a desmotivação pode ser decorrente durante seu processo de aprendizado. A interação, a participação e a sensibilidade da professora são de extrema importância para o avanço de cada educando, tornando assim uma

aprendizagem mais significativa e um ensino que trabalhe com as diferenças e singularidades de cada indivíduo.

Os desafios que os futuros educadores encontrarão são inúmeros, por isso a relevância de se colocar no lugar do outro, ter uma percepção sobre o outro e ter a sensibilidade de trazer a alteridade para dentro da sala de aula. O educador precisa compreender que ao lidar com corpos precarizados de crianças-adolescentes não são fáceis, por ser uma tarefa emotiva e afetiva, é preciso respeitar e reconhecer cada subjetividade, valorizando cada avanço, experiência e ideias compartilhadas, amenizando a dor de corpos machucados que muitas vezes só querem ser ouvidos.

Em síntese, a inclusão, a diferença e o olhar humanizado transformam pessoas, vidas e histórias. Ao entender mais sobre o ensino abordado anteriormente, entende-se que os corpos, as experiências e as vivências são marcas de cada indivíduo gerados por relações sociais e culturais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Wilson Ricardo Antoniassi. Relações de poder no cotidiano escolar: análise e reflexões da relação aluno-escola. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 274-285, jul.-dez. 2014.
- ARENDDT, Hannah. A Crise na Educação. In: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. 7ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. p.221-247.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. Corpos precarizados que interrogam nossa ética profissional. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; SILVA, Maurício Roberto da (Org.). **Corpo e infância: exercícios tensos de ser criança; por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis: Vozes, 2012. p.23-54.
- BERNARDETE; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2013. p.29-38.
- BERNARDY, Katieli; PAZ Dirce Maria Teixeira. **Importância do Estágio Supervisionado para a Formação de Professores**. Unicruz, 2012.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão; SACAVINO, Susana Beatriz. Educação em Direitos Humanos e Formação de Educadores. **Educação** (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 1, p. 59-66, jan./abr. 2013.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão; SACAVINO, Susana Beatriz. Educação em Direitos Humanos e Formação de Educadores. **Educação** (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 1, p. 59-66, jan./abr. 2013.
- FLICK, Uwe. Pesquisa qualitativa: relevância, história, aspectos. In: FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. – 2 ed. – Porto Alegre: Bookman, 2004. p.17-29.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- FREITAS, Bruno. Educação Humanizada: o saber e o fazer de cada um compartilhado por todos na arte de educar. **Revista Ciências Humanas**, p. 68 – 91, 2018.
- FREITAS SILVA, Grazielle Roberta; de FREITAS MACÊDO, Kátia Nêyla; BRASIL DE ALMEIDA REBOUÇAS, Cristina; ALVES E SOUZA, Ângela Maria. Entrevista como técnica de pesquisa qualitativa. **Online Brazilian Journal of Nursing**, vol. 5, núm. 2, 2006, p. 246 – 257. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. Disponível em: < <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=361453972028> >. Acesso em 02 de dezembro de 2020.
- GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. (orgs.).

Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2013. p.29-38.

HABOWSKI, Adilson Cristiano; CONTE, Elaine; PUGENS, Natália de Borba. A PERSPECTIVA DA ALTERIDADE NA EDUCAÇÃO. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, 2018. Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/5541/pdf> >. Acesso em: 21 de novembro de 2020.

NOZU, Washington Cesar Shoiti; ICASATTI, Albert Vinicius; BRUNO, Marilda Moraes Garcia. Educação Inclusiva enquanto um direito humano. **Inc.Soc.**, Brasília, DF, v.11 n.1, p.21-34, jul./dez. 2017.

PEDERIVA, Patrícia L. M. (Org.). **A educação na vida e a vida na educação, uma abordagem histórico-cultural**. Pedro e João editores, São Carlos, 2019.

SPAGOLLA, Rosimeiri de Paula. **Afetividade: por uma educação humanizada e humanizadora**. Artigo científico produzido no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. Secretaria de Estado da Educação – SEED. Orientador UENP: Professor Dr. Antonio Carlos de Souza.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, FACULDADE DE EDUCAÇÃO. Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia – Diurno (Código E-MEC 150). Brasília, 2018. Disponível em: < http://fe.unb.br/images/Graduacao/Presencial/docs/PROJETO_POLITICO_PEDAGGICO_DO_CURSO_DE_PEDAGOGIA_-_DIURNO_compressed.pdf > Acesso em: 06 de novembro de 2020.

APÊNDICES

Apêndice A – Carta de Apresentação



Universidade de Brasília

Faculdade de Educação
Curso de Pedagogia

Profa. Dra. Sinara Pollom Zardo

Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Campus Universitário Darcy Ribeiro
70.910-900 Brasília – DF
Cel: 61 99284-7697
Mail: sinarazardo@gmail.com

Ao (Á) Professor (a) _____

Brasília/DF, ___ de _____ de 2019.

Assunto: Pesquisa para Trabalho Final de Curso

Prezado(a) professor(a),

Venho por meio deste encaminhar a estudante Débora lanca da Silva - matrícula UnB 16/0117577, vinculada ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB), que está desenvolvendo a pesquisa intitulada "A trajetória de uma docente na rede pública do Distrito Federal: percepções sobre o "outro" na prática pedagógica", sob minha orientação.

A pesquisa tem como objetivo compreender a trajetória de vida e profissional de uma docente da rede pública do Distrito Federal e suas percepções sobre o "outro" na prática pedagógica. A fim de que essa pesquisa seja desenvolvida, é necessária a concessão de entrevista com a professora, a análise de documentos (diário de campo do estágio obrigatório) e a realização de observações participantes realizadas também no período de estágio curricular.

Informo que a atividade será desenvolvida considerando os princípios éticos da pesquisa científica e que os resultados e conclusões obtidos na pesquisa, além de serem publicados no Trabalho Final de Curso, poderão ser apresentados em forma de artigo ou de resumo em congressos, seminários ou publicados em diferentes meios.

Desde já agradeço pela preciosa colaboração no desenvolvimento da pesquisa e coloco-me a disposição para maiores informações que se fizerem necessárias.

Atenciosamente,

Sinara Pollom Zardo
Matr. 1094416
TEF/UnB

Profa. Dra. Sinara Pollom Zardo
Matricula UnB: 1094416

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



Faculdade de Educação
Curso de Pedagogia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Débora Ianca da Silva - matrícula UnB 16/0117577, aluna do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB), venho por meio deste informar-lhe a realização da pesquisa intitulada "A trajetória de uma docente na rede pública do Distrito Federal: percepções sobre o "outro" na prática pedagógica" sob orientação da Profa. Dra. Sinara Pollom Zardo.

A pesquisa tem como objetivo compreender a trajetória de vida e profissional de uma docente da rede pública do Distrito Federal e suas percepções sobre o "outro" na prática pedagógica. A fim de que essa pesquisa seja desenvolvida, é necessária a concessão de entrevista com a professora, a análise de documentos (diário de campo do estágio obrigatório) e a realização de observações participantes realizadas também no período de estágio curricular.

Informo que a atividade será desenvolvida considerando os princípios éticos da pesquisa científica e que os resultados e conclusões obtidos na pesquisa, além de serem publicados no Trabalho Final de Curso, poderão ser apresentados em forma de artigo ou de resumo em congressos, seminários ou publicados em diferentes meios.

Por fim, eu _____, ciente do que me foi exposto, concordo com os procedimentos que serão realizados e participarei da pesquisa, bem como autorizo que sejam feitas entrevistas para a coleta de dados, não permitindo a minha identificação.

_____, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do sujeito da pesquisa

Apêndice C – Roteiro de entrevista semiestruturada



FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE PEDAGOGIA

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Bloco I – Trajetória biográfica

Pergunta principal: Você poderia falar um pouco sobre sua história de vida?

- 1.1. De onde você veio?
- 1.2. Como foi sua escolarização?
- 1.3. Como se deu a escolha da sua área de formação?
- 1.4. Onde você fez sua graduação?

Bloco II – Trajetória profissional

Pergunta principal: Fale um pouco sobre sua trajetória profissional.

- 2.1. Quais foram suas primeiras experiências profissionais?
- 2.2. Como e quando foi seu ingresso na Secretaria de Educação do DF?
- 2.3. Quais funções você desenvolveu na Secretaria?
- 2.4. Há quanto tempo você está nessa escola? Quais atividades desenvolveu aqui?

Bloco III – O “outro” na prática pedagógica

Pergunta principal: Fale um pouco sobre seu contexto de atuação e seus alunos.

- 3.1. Como você percebe seus alunos na prática pedagógica?
- 3.2. Como você trabalha com as diferenças dos alunos em sala de aula?
- 3.3. Quais estratégias você utiliza para se aproximar das crianças, ou ainda, para entender seus sentimentos?

3.4 Na sua opinião, quais são os principais desafios da prática pedagógica?

Bloco IV – Bloco final

Pergunta final: Eu não tenho mais comentários. Você gostaria de falar mais alguma coisa que não foi tratada na entrevista.